

Danças Urbanas: a cultura *Hip Hop* como expressão de identidade¹

Jéssica Lóss BARRIOS²

Lucas NUNES³

Clarissa SCHWARTZ⁴

Universidade de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO:

Este artigo problematiza sobre as representações e silenciamentos midiáticos e suas influências nos processos identitários de uma cultura. Tendo como objeto de estudo a identidade do movimento *Hip Hop*, especialmente das Danças Urbanas, sob o viés dos Estudos Culturais na tentativa de questionar estereótipos atribuídos ao estilo. As Danças Urbanas no Brasil, de uma forma geral, sempre encontraram dificuldades para conquistar visibilidade na mídia. Se, de um lado, temos a mídia com seu trabalho diário de pautas e imediatismo constante, de outro, temos a dança de rua associada à cultura *Hip Hop* e nascida da periferia, que busca conquistar espaços e romper barreiras. Entre os autores pesquisados, utilizamos principalmente Woodward (2000), Hall (1980), Escotesguy (2010) e Silva (2014). Ao longo do trabalho, percebemos que, apesar de todas as dificuldades pela conquista de espaços e pelo reconhecimento, as Danças Urbanas estão cada vez mais em posições de destaque, conquistando diversos espaços que não faziam parte de sua realidade como boates e teatros, por exemplo em virtude do esforço dos praticantes da cultura em busca de um espaço digno na sociedade.

Palavras-chave: Estudos culturais; Identidades; Jornalismo; Danças Urbanas ; Hip Hop.

1. Introdução

Para o melhor entendimento do que é a cultura *Hip Hop* e como se dão as representações da mesma no contexto midiático, começou-se por revisar o estado da arte sobre a cobertura jornalística acerca de um dos elementos desse movimento, das Danças Urbanas, e principalmente sobre a relação entre comunicação e dança. Dentre as poucas pesquisas encontradas, destacou-se o trabalho da professora da USP, Andréia Vieira Camargo (2014), intitulado “A dança que o jornal reporta: considerações sobre dança e jornalismo cultural no Brasil”. O texto apresenta a importância de produzir um trabalho que valorize a identidade cultural das Danças Urbanas, pois, como um estilo de

resistência, ela precisa de espaços para se manifestar. Conforme a autora, desde sua origem, a dança é abordada de forma generalizante e simplista. As produções e discussões sobre dança sempre tiveram de lutar por espaços os quais, hierarquicamente, foram construídos para outras artes, tais como: literatura, teatro, cinema, escultura, música, pintura, arquitetura, entre outras.

A partir do exposto, busca-se estabelecer a relação entre as representações midiáticas e a cultura *Hip Hop*, pelo viés dos Estudos Culturais, visando conceituar as questões de cultura e identidades. Eles surgiram na Inglaterra, em meados do século XX, com caráter transdisciplinar, perpassando por diversas áreas: literárias; sociológicas; lingüísticas; da história; como também dos estudos de mídia e comunicação. Em contextualização histórica, vale ressaltar que seu surgimento se dá em um cenário de reestruturação social, devido a um período pós-guerra. Inicialmente, organizaram-se através do *Centre for Contemporary Cultural Studies*(CCCS), fundado por Richard Hoggart em 1964, devido à mudança de valores da classe operária da Inglaterra pós-guerra.

Eles surgem ligados ao departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham, sendo um centro de pesquisa e pós-graduação dessa mesma instituição. Suas pesquisas focavam na cultura contemporânea da sociedade, formas culturais, instituições e práticas culturais e nas relações entre a sociedade e as mudanças sociais. E se afirmaram na década de 70 (ESCOSTEGUY, 2010, p. 148).

O centro (CCCS) se estruturou por meio de três trabalhos principais, o de Richard Hoggart, em 1957, intitulado *The uses of literacy*, focando na história cultural do meio do século XX. Em 1958, Raymond Williams contribuiu com *Culture and society*, com ênfase no histórico do conceito de cultura e por fim, E. P. Thompson, em 1963, com *The making of the english working class*, abordando parte da história da sociedade inglesa. Stuart Hall, já em 1968, contribuiu pesquisando sobre os produtos da cultura popular, dos *mass media* e a cultura contemporânea (ESCOTESGUY, 2010). Visto que eles surgem na Inglaterra, afirma-se que a vertente “original” dos estudos culturais foi a britânica e ressaltava a investigação e as formações sociais presentes no contexto cultural da sociedade.

Para Hall (1980) os Estudos Culturais possibilitam identificar dois pontos importantes: a perspectiva marxista e, em um segundo momento, o conceito de ideologia proposto por Althusser, que a determina como a “provedora de estruturas de

entendimento pelas quais os homens interpretam, dão sentido e vivem as condições materiais em que se encontram” (HALL, 1980, p.32).

Os Estudos Culturais, como citado anteriormente, receberam importantes influências do marxismo, principalmente quando abordam as relações de poder e o viés econômico, abordando as questões das classes

nesse sentido, a cultura acaba sendo vista como um reflexo das relações econômicas. Os Estudos Culturais retomam esse modelo marxista base-superestrutura para chamar a atenção para a importância da economia (e do capitalismo) na organização social, mas questionam como a superestrutura é entendida. Nessa perspectiva, a cultura é pensada a partir de sua autonomia relativa: ela sofre influências, sim das relações econômicas, mas não pode ser entendida como um mero reflexo delas (FRANÇA, 2017, p. 96).

Em sua primeira etapa, os Estudos Culturais centravam-se nas condutas desviantes, sociedades operárias, instituições e linguagens e no modo como os produtos culturais abordam estes temas, visto que entendem os produtos culturais como agentes de reprodução social e construtores de hegemonia (conceito que será explicado nos próximos itens). Adianta-se o fato que a cultura se estabelece por meio de relações de poder e dominações, onde estes fatores

Estão interligados com as relações sociais, sejam elas relações de classe, gênero, etnia, hierarquias, etc. A cultura em si envolve processos de apropriação de poder e subordinações e devido a isso, ela é um campo onde ocorrem lutas onde grupos culturais reivindicam satisfazer suas necessidades (JOHNSON, 2010, p.15).

O *Hip Hop* é um exemplo dessas relações sociais citada por Johnson, relação de classe, sendo um exemplo de campo que reivindica suas necessidades, buscando uma reprodução social de sua identidade cultural, em relação às replicações da mídia hegemônica. E para entender essas relações, o campo dos estudos culturais relacionou o estudo da análise da cultura comum/cultura mediada pelos meios de comunicação de massa (SILVA, 2000) com textos da mídia como expressão da ideologia de grupos dominantes, a partir dos anos 70, sob a direção de Hall. Nos anos 80, o Centro via na cultura popular um lugar de resistência. Seus fundadores, Williams e Hoggart dirigiram seus esforços iniciais visando destronar noções de cultura aristocráticas, isto é, pertencentes às elites e focando na classe operária, tanto sua condição social quanto cultural. Ao longo do tempo, com o aumento das suas áreas de atuação, os estudos

culturais passaram a abordar outros aspectos da cultura, como as culturas populares e os meios de comunicação de massa, passando para questões identitárias. Já nos anos 1980, sofreram grande influência de Michel de Certeau, Michel Foucault e Pierre Bourdieu. É nesta fase que ocorre a internacionalização do campo.

Somado a isso, Escosteguy (2000, p. 143) ao abordar que os Estudos Culturais buscam compreender os “fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas” reforça ainda mais a ligação entre os meios midiáticos e o ambiente cultural, ajudando a compreender como uma identidade, neste caso, das Danças Urbanas podem se prejudicar pelas representações midiáticas, quando feitas de forma superficial, excluindo vozes determinantes para abordar sobre a cultura *Hip Hop*, por exemplo.

A conceituação de cultura

Para além dos estudos culturais, o entendimento do termo cultura é crucial para a compreensão deste trabalho. Dentro do campo das ciências da comunicação existem diferentes eixos a serem estudados. Muitos deles abordam o termo cultura e o encaram como fator importante na definição de vida e significados compartilhados entre indivíduos. Williams (1992, p. 9) atribui a ela o papel de estabelecer um “bem” comum e influenciar os modos de pensar, incidindo não só “sobre as questões de classes, indústria e política, família ou crime, mas também como um tópico de variedades depois das áreas mais definidas da sociologia, da religião, da educação e do conhecimento”.

Segundo Silva (2014, p. 43) ela tanto pode ser vista como “um ritual, símbolos e classificações, bem como sua produção e reprodução na vida social, como culinária, músicas, etc., pois, todos os elementos que fazem parte da vida social são dotados de significados simbólicos”. Assim sendo, devemos encarar cultura como um elemento “envolvido em todas as formas da atividade social” (WILLIAMS, 1992, p. 13). Este fato nos leva a crer que ela designa um “bem material”, sendo um fator importante na vida social, caracterizada por sua dimensão coletiva que pode ser adquirida por meio de processos inconscientes.

Abordando que não existe uma cultura única, Cuche (2002, p. 39) salienta que “cada cultura é dotada de um estilo particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira. Este estilo, este

‘espírito próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos’”
(CUCHE, 2002, p. 45).

Culturas são sistemas (de padrões de comportamentos socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante (DE BARROS, 2001. pg. 59).

Assim, de acordo com a perspectiva dos Estudos Culturais, entende-se cultura como algo dotado e expressado por meio de um discurso e representações, sendo ela parte fundamental para a produção de significados em um terreno de lutas e negociações entre os grupos envolvidos (FRANÇA, 2017). Por exemplo, a cultura *Hip Hop*, objeto de estudo deste artigo, é organizada por meio de quatro elementos principais (sistemas), tais como: grafite (arte), MC (mestre de cerimônia), Rap (músicas) e *Break*(dança), que caracterizam uma linguagem específica, um estilo próprio de comportamento e um modo de vida.

Para Hall (1997) explicar cultura é entender seus três aspectos principais: o normativo, que é responsável por guiar as ações humanas; o regulatório, que classifica as ações segundo as normas sociais; e o terceiro aspecto a responsabilidade de induzir o sujeito a assimilar e internalizar as condutas vigentes. Assim, após contextualização sobre o termo, exemplificação e classificação, podemos concluir que a cultura é “uma estrutura capaz de produzir significados por meio dos quais os indivíduos se comunicam” (HENRIQUES, 2016, p. 24). E estabelecem construções simbólicas de identificações e significações entre si, sendo estas o conceito de identidades.

Quem somos? A construção das identidades

Quando nos referimos às construções simbólicas, noções de pertencimento a grupos e/ou nações, questões de gênero, etnia, classes sociais, entre outros, estamos nos referindo a processos identitários (XAVIER ALVEZ, 2016). Eles, de acordo com Castells (2006), são constituídos de significados sobre nós mesmos e sobre o que acreditamos ser. Estudar as identidades, portanto, significa estudar o modo como o indivíduo se autodescreve. Para melhor conceituar este fenômeno, é necessário explicar como se dá sua formação.

O processo de formação de identidades pode ser entendido como um processo misto de informações genéticas, regionais e midiáticas. Ainda, pode ser compreendido como o conjunto de características que nos identificam e nos dão a possibilidade de sermos reconhecidos como integrantes de um grupo social (HENRIQUES, 2016).

Para Woodward (2000), ela é relacional e utilizada para afirmar o que somos e o que não somos e demarcar diferenças e exclusões entre indivíduos. Além de ser marcada pelo uso de simbologias compartilhadas entre eles. Por exemplo, ser da cultura *Hip Hop* é diferente de ser da cultura Gaúcha, já que as representações, histórias e simbologias entre as duas são completamente diferentes. A história do grafite, *Break* e *Rap*, que marcam a cultura Urbana (*Hip Hop*) em nada se assemelham às construções simbólicas gaudéias, tais como o chimarrão, as vestimentas, músicas gaúchas, entre outras. As identidades são construções que se dão pelos ritos partilhados e pela busca de um passado comum. Elas, por se tratarem de processos subjetivos e de interações, demarcam uma relação entre eu/nós e o outro, estabelecendo quais os indivíduos que serão incluídos e os que serão excluídos do grupo social. Estabelecendo assim, no mínimo, dois grupos em oposição. Evidenciando esta diferença (SILVA, 2014, p.15) lembra que “se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais”. Com isto, se recupera o conceito de hegemonia e estabelece-se sua relação com as culturas vistas como subalternas que buscam lugares de fala e formas de resistência, no caso deste artigo exemplificado entre discurso midiático e representação hegemônica quando se trata da identidade das Danças Urbanas.

2- Hegemonia

Como abordado anteriormente, falar em cultura é tratar de relações de poder e através das reflexões sobre questões sociais no Marxismo, começam os estudos sobre o termo hegemonia. Nesse contexto, a sociedade civil e a ideologia adquiriram um papel central, aparecendo como constitutiva das relações sociais. Com o estudo do estado da arte percebemos que os teóricos Lênin, Gramsci e Mannheim começaram a refletir sobre o assunto da hegemonia com o advento da indústria cultural no século XVIII.

Quando tratamos em indústria cultural, estamos falando sobre a mercantilização

da cultura, em especial na forma de produtos midiáticos. Com isso, tivemos o desenvolvimento de um novo sistema que não mais produzia apenas bens materiais, mas também bens culturais, como o cinema, fotografia e rádio. Refletindo sobre o importante papel que a mídia desempenha nas relações de poder, ou melhor, sobre sua influência nas relações políticas e econômicas. Afirma-se que esta mudança cultural está ligada a uma reforma econômica, que conseqüentemente alteraria as negociações de poder, ou seja, as negociações entre os grupos sociais dominantes e subalternos Gramsci (1978, p.113).

A partir disso, Gramsci (1978) alega que o advento da indústria cultural aconteceu muito rápido e não de uma forma prévia, o que prejudicou grupos desfavorecidos (grupos minoritários). Segundo o autor a hegemonia é uma classe dirigente que se mantém pelo consentimento das massas e não só pela força coercitiva comum a um determinado grupo social, que está numa situação de subordinação com relação ao outro (adotar a concepção de mundo deste, mesmo que ela seja contrária com a sua atividade prática. Atitudes como essas, de calar-se diante das pautas hegemônicas são responsáveis por permitir que opiniões distorcidas sobre certos grupos/culturas sejam apresentadas nos discursos dominantes e adotados como verdade pela sociedade. A mídia relata sua versão dos fatos, de acordo com seus interesses/políticas editoriais. Mantendo em seu discurso opiniões de caráter preconceituoso ou até mesmo estigmatizado por excluir do assunto uma voz que esteja por dentro da situação apresentada em detrimento de um argumento/órgão oficial. Esta problematização constata que ela acaba excluindo por vezes certas facetas que possam mudar o modo de ver determinado grupo social, ou silenciando suas opiniões.

O fato de algumas pessoas se manterem em silêncio diante de opiniões hegemônicas, já acontecia segundo Gramsci (1978) desde os anos 80 no cenário religioso. Assim, buscamos exemplificar essa relação entre mídia e afirmação da identidade de um determinado grupo cultural, neste caso, o *Hip Hop* comparando a relação de poder atual com a disputa que acontecia na igreja católica. Gramsci (2002) explicou que a igreja lutava por uma unidade doutrinal, ou melhor, por uma “massa religiosa” que comandasse as relações sociais, porém diferentemente da posição católica, existia uma posição da filosofia da práxis,

Que não busca manter os “simplórios” na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca conduzi-los a uma concepção de vida superior. Se ela afirma a exigência do

contato entre os intelectuais e os “simplórios” não é para limitar a atividade científica e para manter a unidade no nível inferior das massas, mas justamente para forjar um bloco intelectual-moral, que torne politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais (Gramsci, 1978a, p. 18).

Percebe-se que isto ainda acontece, pois se analisar a relação entre hegemonia e grupos minoritários, a mídia busca monopolizar sua opinião, deixando de lado outros argumentos, os quais só conseguem espaços para se expressar através de meios alternativos, tais como: blogs, páginas e sites, por exemplo. A cultura *Hip Hop*, hoje vista como um grupo minoritário e contra hegemônico luta dia-a-dia para ocupar espaço buscando se firmar como cultura. Porém, enxerga-se nela traços de uma cultura subalterna e de resistência, pelo fato dela ser silenciada e buscar lugares de fala dignos para se manifestar.

Contemporaneamente, a categoria “subalterna” e o conceito de “subalternidade” têm sido utilizados na análise de fenômenos sociopolíticos e culturais, normalmente para descrever as condições de vida de grupos e camadas de classe em situações de exploração ou destituídos dos meios suficientes para uma vida digna. No pensamento gramsciano, contudo, tratar das classes subalternas exige, em síntese, mais do que isso. Trata-se de recuperar os processos de dominação presentes na sociedade, desvendando “as operações político-culturais da hegemonia que escondem, suprimem, cancelam ou marginalizam a história dos subalternos” (BUTTIGIEG, 1999, p. 30).

A partir disso, elabora-se uma contextualização histórica que explica o porquê talvez o *Hip Hop* ainda seja visto como uma cultura marginal (subalterna) nos tempos atuais, apesar de hoje ocupar espaços privilegiados na sociedade e de ter se transformado culturalmente adotando da tecnologia e outros recursos para ocupar espaços dignos. Desde sua origem, em meados dos anos 70, o movimento *Hip Hop* surgiu como fruto da manifestação cultural para representar as classes mais pobres e por ser uma cultura de luta contra os problemas de raça, discriminação, violência e também econômicos que os Estados Unidos, entre o final da década de 1960 e meados de 1970, no Bronx, bairro periférico nova iorquino. (ROSE, 2002, p. 63-64 apud GOMES, 1999, p.26).

O *Hip Hop* é um movimento com senso crítico (grupo de resistência) por buscar constantemente visibilidade, seja através da arte com o grafite, da música com reflexões sociais por meio do *Rap* e da dança com gestos e movimentos que representam a

história/cultura. A cultura do *Hip Hop* procura diariamente romper barreiras e lutar por um espaço dentro da sociedade e para isso, poderiam utilizar-se da mídia.

Os meios de comunicação de massas sempre tiveram potencial para criar e alimentar comunidades culturais em relação a grupos sociais já demarcados, reforçando um sentido de identidade cultural partilhada. [...] televisão e rádio juntavam vastas audiências, gerando “comunidades imaginárias”. Essa integração nem sempre deu espaço à ação diferenciada ou a visibilidade de identidades diferenciadas, tendo em geral assumido os contornos de massificação (SILVEIRINHA, 2002, p.9).

Assim, por meio desse contexto, podemos perceber que os conceitos de identidade desse grupo, muitas vezes, tiveram sua imagem prejudicada por essas abordagens generalistas da mídia. Assim, certos conteúdos defendidos e debatidos nos veículos de comunicação massivos são por vezes interpretados pelos receptores como verdade, isto é, tomados como padrão pela sociedade. Podemos dizer que a mídia, muitas vezes, tem dificuldade em abordar o todo de uma temática apresentando ele por partes, e com as Danças Urbanas não é diferente, como será abordado no próximo item.

3. Mídia x *Hip Hop*

Historicamente, o campo jornalístico vem desempenhando o papel de mediador entre os demais campos sociais, tendo sua credibilidade como principal capital simbólico segundo Berger (2003). A seleção, interpretação, narração, edição e publicação dos acontecimentos são ações realizadas pelos profissionais da área através de complexos processos de produção. É difícil falarmos em imparcialidade dos telejornais, já que cada veículo de comunicação segue suas linhas editoriais e adquire uma forma de enquadrar/representar determinado assunto.

Porém, sabe-se que, por vezes, a prática diária da profissão deixa de seguir princípios nobres da área jornalística, culminando em representações sociais estereotipadas e desumanizadas. Sendo elas imagens preconcebidas de determinada pessoa, situação ou assunto. A partir disso, em busca de exemplificar esta dinâmica entre identidades e representações midiáticas e de deixar mais compreensível esses conceitos trago as teorias de Stuart Hall (2009) ao explicar a relação entre tradução (representação da mídia) e tradição (identidade), ao dizer que:

Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradução” (HALL, 2006, p. 87).

A partir disso, segundo Hall (2006) o *Hip Hop* é o que nos conceitos do autor se enquadra a uma cultura de tradição, já que busca diariamente um espaço digno para apresentar sua identidade cultural de forma verdadeira. Não se manifestar diante das representações distorcidas da mídia, é aceitar seu discurso, que é encarado como uma tradução, o que é um problema para muitas culturas, que acabam por se distanciar e não se reconhecer nas representações midiáticas. O *Hip Hop* se comportasse como uma cultura de tradução, isto é, conforme as teorias de Hall(2006) não se manifestando e se mantendo calado diante das exposições midiáticas, sua identidade hoje estaria perdida. Visto que parte de suas manifestações não são compreendidas pela sociedade e muitas vezes apresentadas de forma errônea pela mídia.

Percebe-se que as representações acerca deste grupo são generalistas e simplistas, encarando-o como um movimento que se resume à cultura marginal e periférica. Como exemplo disso, cita-se o fato de que as músicas da cultura *Hip-Hop* são acusadas pelo senso comum de promover e incitar o crime, diferente do que acontece, já que os cantores de Rap buscam na verdade combater o crime e refletir sobre a violência. A cultura através de suas letras, arte e dança busca retratar suas respectivas realidades locais, em busca de visibilidade e como protesto contra os problemas e injustiças que estão sujeitos, em virtude dos problemas de classe, reproduções errôneas da mídia e por falta de conhecimento por parte das pessoas sobre a identidade da cultura *Hip Hop*.

Em se tratando da mídia, a maior causa dessas representações precipitadas e sem um maior aprofundamento de apuração no momento de construir a pauta vem do jornalismo imediatista e fragmentado, que costuma enquadrar a compreensão dos fatos, sobretudo, a partir de depoimentos de fontes oficiais e legitimadas pelos lugares que ocupam na sociedade, deixando de lado grupos sociais com classes e posições minoritárias de fora do discurso. Nesse cenário da ausência de vozes para uns em detrimento da presença dos meios massivos como únicos mediadores da informação, trago a observação de Douglas Kellner (2001) ao dizer que os desdobramentos midiáticos são influenciadores na formação da identidade cultural (cultura em que um

determinado indivíduo ou grupo de indivíduos estão inseridos na sociedade). Pensando nisso, este artigo não poderia deixar de abrir oportunidade para que essas vozes minoritárias tenham um espaço para se manifestar, então como um meio alternativo de apresentar a cultura das Danças Urbanas em contraste com a mídia hegemônica entrevistamos praticantes da cultura em Santa Maria e como exemplo citamos a resposta do Coreógrafo de Santa Maria de Danças Urbanas Jean Mendes (2017), a respeito do nosso questionamento sobre preconceitos e representações feitas pela sociedade/mídia quando o assunto é *Hip Hop*, o praticante acredita que

“a partir do momento que você se rotula, eu represento a cultura *Hip Hop* você está sujeito a preconceitos de pessoas que não tem conhecimento, ou seja, pré julgam. Pensam que cultura *Hip Hop* é uma cultura que é totalmente gueto, periferia, sendo que ela nasceu de lá, mas ela não é só daquilo. Hoje, você vê as principais boates tocando *Hip Hop*, que são frequentadas por pessoas com poder aquisitivo muito elevado. Então, a cultura *Hip Hop* hoje está inserida em todo meio, e acredito que o preconceito seja sempre de pessoas ignorantes, como tudo”.

A partir da fala de Jean e do contexto da relação de mídia e identidade das Danças Urbanas, percebe-se que por falta de conhecimento alguns assuntos não são apresentados de acordo com a evolução de determinado grupo, mantendo por vezes discursos tardios e repetitivos ao noticiar sobre algum fato, o Coreógrafo Vitor Escobar (2017) diz que o *Hip Hop* é um exemplo disso, pois geralmente é associado a uma classe periférica, a um grupo marginalizado pelas vestimentas e até mesmo como ex-usuários de drogas, por exemplo, que saiu do meio das drogas para cantar *Rap* ou até mesmo praticar dança, entre outros estereótipos.

Somado a isso, ao pressupor que a circulação de notícias se dá de determinado modo porque os meios de comunicação *nos dizem* em que pensar *como pensar* e *o que pensar* sobre os fatos noticiados. A influência da mídia nas conversas dos cidadãos advém da dinâmica organizacional destas empresas, que tem sua cultura própria e seus critérios de noticiabilidade. Assim, no que toca às questões artísticas, dificilmente a cobertura jornalística mostra grupos de Danças Urbanas, por exemplo, e quando os deixa em evidência, elabora reportagens superficiais sobre seus modos de expressão, o que contribui para que os grupos hegemônicos mantenham seu *status quo* como grupos dominantes e silenciadores das culturas vistas como desviantes.

Considerações Finais

A escolha por escrever um artigo sobre a identidade das Danças Urbanas também conhecidas por Dança de Rua, *Hip Hop* ou *Street Dance* vem de uma motivação pessoal e da importância em reivindicar espaços, neste caso em âmbito acadêmico para falar sobre o *Hip Hop* associado a grupos minoritários e suas identidades.

Retratar sobre o *Hip Hop* é sempre muito gratificante, pois mesmo que através de um trabalho acadêmico, qualquer espaço que esta cultura tenha para se manifestar simboliza o distanciamento de opiniões, argumentos e falas errôneas sobre o movimento, carregadas muitas vezes de estereótipos e preconceitos como os exemplificados ao longo do artigo. As coberturas e as reportagens estão cada vez mais limitadas prevalecendo maiores espaços para as autoridades e as fontes oficiais de determinado assunto e pauta, simplificando e dificultando os lugares de fala de alguns grupos/pessoas, vistos como minorias. Isso é o que acontece com o *Hip Hop*. Porém, este grupo diariamente busca se expressar e conquistar espaços através das denúncias sociais feitas pelo grafite e Rap e da ocupação dos grupos de dança em teatros e boates, considerados como localidades da elite. Por conseguinte, escrever este artigo sob o viés dos estudos culturais com o enfoque para cultura *Hip Hop*, usando como exemplo um dos elementos, a dança, proporcionou não somente muitos conhecimentos teóricos, como fez refletir a importância de se ter espaços alternativos para que determinadas vozes possam se expressar e para que as culturas possam ser apresentadas de uma forma mais detalhada e digna, sem a influência das lógicas editoriais e comerciais da mídia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BERGER, C. **Campos em confronto: a terra e o texto**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CAMARGO, Andreia Vieira Addelnur. A dança que o jornal reporta: considerações sobre dança e jornalismo cultural no Brasil. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança**. Salvador, v.3, n.2, 2014. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/11182/9771>>. Acesso em 18 de set. 2015.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**/Denys Cucho; tradução Viviane Ribeiro. 2.ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DE BARROS, LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico**. Zahar, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais uma introdução. In Silva, Tomás Tadeu da (org). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: autêntica, 2010. (p.133-166)

FIELD, Syd. Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FRANÇA, Vera V; SIMÕES, Paula G. **Curso básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____.Stuart. Cultural Studies um novo paradigma. **Mídia cultura e sociedade**2. Ed. 1980.

_____. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

HENRIQUES, Mariana Nogueira. **Identidade Gaúcha: representações de gênero nos programas regionais Bah!**/Mariana Nogueira Henriques.- 2016. 139 f. ; 30cm

JOHNSON, Richard.:**Estudos Culturais uma introdução**. O que é afinal, Estudos Culturais? Belo Horizonte: Autêntica, 2010

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro. Paz e Terra: 199